

FATOS E NOTAS

A VIDA DAS PALAVRAS E A HISTÓRIA (1).

Introdução.

A importância que o estudo das palavras oferece para o historiador é frequentemente pouco reconhecida entre nós. E como esse estudo é rico em sugestões! Há as palavras novas — as que surgem repentinamente numa certa época — e há as outras, de longa história mas que se revestem de novo significado. Fruto da ampliação do campo de experiências humanas, algumas marcam o aparecimento do produto de uma invenção material ou de um novo conhecimento técnico ou científico, incorporadas pelo avanço da ciência. Assim, por exemplo, o aparecimento no século XVI das palavras água-forte, ácido, álcali, álcool (2). Outras: a tomada de consciência de um complexo histórico: social, político, ideológico ou econômico, num momento dado (uma classe nova, uma nova ideologia ou organização política, sistema econômico etc.). E' o caso da palavra nacionalidade, hoje tão integrada no nosso vocabulário e que no início do século XIX era tão vagamente usada que um autor francês chegava a dizer por volta de 1864: "Lorsque je prononçais pour la première fois il y a trente ans le mot *nationalité* je crus l'inventer, je crus faire un barbarisme..." (3). Qualquer que seja sua origem — e esta pode ser múltipla — refletem as palavras um momento histórico, são meios para o conhecimento do clima mental de uma época, para o estudo das mentalidades. Por outro lado, há palavras que são mais frequentemente usadas — figuram constantemente na linguagem de um tempo denotando uma preocupação máxima a absorver as atenções. Assim, por exemplo, a palavra honra, cuja frequência na literatura espanhola do século XVII é bem o reflexo da preocupação máxima da fidalguia espanhola (4). Mas as palavras também morrem quando perdem toda e qualquer função, desaparecem no esquecimento.

Estes são apenas alguns aspectos dessa importante questão. Quantos problemas nos sugere a vida das palavras! Nesse campo de pesquisas quanta coisa útil para o historiador! E ainda quanto por ser feito! Foi por isso que pensamos em divulgar algumas ques-

(1). — Introdução e notas da tradutora, Lic. Emília Nogueira.

(2). — Faure (Paul). — *La Renaissance*, pg. 59, Paris, Presses Universitaires de France, 1949, (Col. Que sais-je?).

(3). — Weil (Georges). — *L'Europe du XIXe siècle et l'idée de nationalité*. Paris, Albin Michel, 1938, pg. 5.

(4). — França (Eduardo d'Oliveira). — *Portugal na época da Restauração*. São Paulo, 1951, pg. 186.

tões em torno dêsse assunto, reproduzindo inicialmente o excelente artigo do professor Lucien Febvre, publicado nos *Annales* de 1930 (5).

As palavras e as coisas em História Econômica (6).

Conhece-se, e de minha parte venho há muito dizendo e repetindo o mais que tenho podido (7), qual o proveito mútuo que historiadores e lingüistas podem obter de uma colaboração, ou pelo menos de um acôrdo baseado no conhecimento exato de suas necessidades particulares, ou mais precisamente — o interêsse que oferecem para a história as grandes sínteses como a que com tanta coragem empreende o sr. Ferdinand Brunot (8). Mas essas são generalidades que não interessam diretamente aos *Annales*, a sua finalidade específica e a seu público.

Em compensação, há um fato que deve lhes interessar e muito diretamente. E' a atenção que cada vez mais, os lingüistas dispensam ao vocabulário, atenção tão acentuada que um bom árbitro, o sr. Vendryes, pôde escrever recentemente: "Hoje, a parte da lingüística que parece destinada aos maiores progressos é a etimologia". Mas dir-se-á: em que pode a etimologia interessar as pesquisas históricas e muito especialmente as pesquisas de história econômica?

A etimologia formal, aquela que conhecemos em outros tempos, em nada certamente. Mas desde já há vários anos, os lingüistas perceberam que era absurdo e anti-natural separar em seus estudos, as palavras das próprias coisas que elas significam. Já em 1906, numa aula inaugural no *Collège de France* (9), o sr. Meillet declarava: "O estudo das palavras não pode se separar do estudo das coisas designadas por essas palavras". E já em 1905 Gillieron e Mongin, em sua monografia de geografia lingüística *Scier dans la Gaule romane du Sud et de l'Est* (10), relacionavam de maneira sugestiva, a história de duas palavras a uma transformação de instrumentos — a substituição da foice lisa pela foice dentada. Desde logo criava-se na Alemanha, sob a iniciativa de um sábio, R. Meringer, uma revista dotada de um título bem defi-

- (5). — Este artigo foi escrito na ocasião em que apareceram diversos estudos franceses (Henri Hauser, Henri Sée), e belgas (Paul Harsin), e precisamente quando Fernand Brunot publicava o volume de sua *História da Língua Francesa*, correspondente ao século XVIII, esse século em que os franceses se enriqueceram com um vocabulário econômico e social novo.
- (6). — *Annales d'Histoire économique et sociale*. 1930, pp. 231-234.
- (7). — Na *Revue de Synthèse historique*, desde 1906: L. Febvre, *Histoire et dialectologie* (t. XII, 1906); *Histoire et linguistique* (t. XXIII, 1911); *Le développement des langues et l'histoire* (t. XXVIII, 1913); *Langue et nationalité en France au XVIIIe siècle* (t. XLII, 1926); *Le français sous la Révolution d'après Mr. F. Brunot* (t. XLV, 1928).
- (8). — *História da Língua Francesa, das origens até 1900*. Paris, Colin, (Nota da tradutora).
- (9). — *L'état actuel des études de linguistique générale*. Aula inaugural do Curso de gramática comparada, lida aos 13 de fevereiro de 1906, in 8, p. 12.
- (10). — Paris, Champion, 1905, 30 p. e 5 cartas in-4. Veja-se L. Febvre, *Histoire et dialectologie*, art. cit., p. 3 e sg..

nido: *Wörter und Sachen* (11) que pregava a necessidade de se reconstituir a vida das civilizações desaparecidas, para se compreender a formação dos vocabulários e se procurar apóio na história do instrumental humano para se traçar a evolução das palavras. De fato, leia-se, por exemplo, no tomo I de *Wörter und Sachen*, o belo artigo de Meringer sobre as palavras que serviam para designar “ponte” nas línguas indo-européias. Não se hesitará mais, em reconhecer, que assim concebida a etimologia, ou mais exatamente, a história das palavras, é de acentuado interêsse não só para o lingüista como também para o historiador propriamente dito. Nunca será excessivo acentuar a importância de que podem se revestir as monografias de palavras bem escolhidas e intimamente ligadas às próprias realidades que elas devem designar, para o estudo de épocas pouco ricas em textos documentais e cujo material arqueológico desapareceu em parte (12).

Por outro lado, não nos detivemos nas pesquisas dos fundadores da *Wörter und Sachen*, embora elas tenham sido muito úteis. Eles, com raras exceções (13), estudavam apenas a história dos objetos materiais que eles procuravam esclarecer aproximando os fatos lingüísticos dos fatos tecnológicos. Esse programa, embora muito interessante, era contudo limitado. Surgiu alguém, Maurice Cahen, um sábio eminente, arrebatado em plena força por um golpe do destino, para ampliar a espécie de revolução que estava em vias de se realizar e para renovar completamente o método e o resultado da ciência das palavras. Num livro altamente interessante: *La libation, étude sur le vocabulaire religieux du vieux scandinave* (14), êle aproximou estreitamente o estudo das palavras — digo palavras de “civilização”, — ao dos fatos sociais, dos quais elas naturalmente dependem. Nesse domínio infinitamente vasto e fecundo, êle foi ao mesmo tempo um pioneiro e um guia.

Mas trata-se sempre de fatos antigos, de evoluções de longa duração e portanto de pesquisas, pelo menos em parte, sobre civilizações muito afastadas da nossa. A história das palavras modernas — das palavras nascidas ontem ou anteontem, e que não abandonam nossos lábios, oferecerá algum atrativo para os sábios, algum interêsse para os historiadores? Sem dúvida! A língua da economia é em geral uma língua muito jovem. Nasceu ontem. E já seu nascimento e sua constituição criam para nós problemas interessantes.

(11). — *Kulturhistorische Zeitschrift für Sprach und Sachforschung*, hgg von R. Meringer W. Meyer — Lubke, J. J. Mikkola, R. Much, M. Murko, Heidelberg, 1909 e seg.

(12). — Veja-se igualmente no tomo IV da mesma revista, como exemplo, o artigo de Hjalmar Falk sobre os termos de marinha no velho escandinavo (*Altnordischen Seewesen*). Êle demonstra muito bem que os escandinavos exercerão a êsse respeito uma grande influência sobre os celtas, influência que se traduziu em numerosos empréstimos.

(13). — Entre essas exceções assinala-se o trabalho de Marko, *Das Grab als Tish*, op. cit. t. II, p. 79, que aborda outros fatos além das mudanças de instrumental.

(14). — Paris, Champion, 1921, in-8, 325 p.

As palavras que a constituem não foram criadas tôdas num novo plano e com data certa. A maior parte delas são palavras pré-existentes na língua, mas que tomaram a partir de um certo momento, um novo significado. De que modo exatamente? Eis o que é interessante averiguar. Interessante para nós, isto é, para nós historiadores, e para o conhecimento preciso das sociedades e mentalidades que, por outro lado, já tiveram tempo de se transformar e evoluir extraordinariamente, desde a época em que revestiam tal ou qual palavra, de um sentido ainda desconhecido. Há quem julgue sem proveito fixar exatamente a data do aparecimento na língua do *proletário*, do *capitalista* ou do *engenheiro*, para tomar três substitutos ao acaso? Há quem julgue que seja sem alcance um estudo cuidadoso da evolução do significado de tais palavras e que retracá-las detalhadamente não seja escrever uma verdadeira página de história social?

Uma página difícil, na verdade, em ser elaborada. Porque é preciso que se diga, neste momento, e no estado de inorganização absoluta de tais pesquisas, a história das palavras modernas, mesmo que nos restrinjamos a uma única língua (e como decidirmos a êsse respeito? Pois que há de mais itinerante, de mais sensível a influências externas, que uma palavra?) — a história das palavras, mesmo das mais regorgitantes de valor histórico e humano, é praticamente impossível de ser conhecida e reconstituída, a não ser à custa de esforços desproporcionados com os resultados. Apercebi-me disso ainda muito recentemente (15), ao tentar traçar as etapas históricas e semânticas percorridas em França, por uma palavra — *civilização* — que tem, entretanto, tudo o que é necessário para não passar desapercibida, e cujo simples nascimento por outro lado, atesta uma revolução intelectual e moral já concluída. Mas como? Não há dicionários seguros e completos, faltam inventários da língua em um momento dado, não há dicionários de escritores e menos ainda léxicos de sábios. Trabalhos formidáveis dirão! Sem dúvida! pois se se teima em dirigí-los mal, em querer fazer levantamentos exaustivos, em recolher em fichas tudo quanto aparece numa língua, em vez de se procurar simplesmente, através de um período dado e no maior número de autores possíveis dessa época, os traços de um certo número de palavras importantes cuja lista seria elaborada de antemão, e não unicamente por gramáticos ou lingüistas (16). Pensemos na enorme quantidade de palavras, e palavras sempre vivas — por pouco diria: as palavras mais vivas de nossa língua de hoje — pensemos em tôdas essas palavras importantes

(15). — Por ocasião das discussões que marcaram a primeira *Semaine de Synthèse* organizada em maio, 1929, pelo *Centre International de Synthèse* (veja-se *Annales* t. II, 1930, pg. 81). — O *Centre* procura precisamente conseguir um vocabulário histórico que até o presente nos faz uma falta imensa, vocabulário êsse que comportará, para as principais palavras da língua técnica dos historiadores, um histórico tão cuidadoso e completo quanto possível.

(16). — Salvo erro, num domínio que não é o nosso, o da filosofia escolástica e das idéias morais e teológicas da idade média, uma pesquisa semelhante está em vias de se organizar sobre bases idénticas a que preconizávamos aqui.

que nasceram em França entre os meados do século XVIII e os meados do século XIX. Com que elementos contamos para apreender o seu nascimento, a sua formação, a sua evolução? A tese já antiga de F. Gohin (1903): *Les transformations de la langue française pendant la moitié du XVIIIeme siècle (1740-1789)* — ou o estudo de M. Frey (1925): *Les transformations du vocabulaire français a l'époque de la Révolution (1789-1800)*, dois livros, e minguados recursos, pois é a língua política sobretudo e a língua filosófica que os homens estudados por êsses dois autores poliram e enriqueceram ativamente. A língua econômica! E' sobretudo no decorrer do século XIX e quando se organiza a grande indústria, que ela realmente se forma: e então? Nada, absolutamente nada; não há estudos de conjunto, nem monografias. Quem negaria portanto o interesse de tais pesquisas?

... Os *Annales* (16), julgam prestar um útil serviço, atraindo a atenção para êsses problemas delicados de história e evolução semântica das palavras do vocabulário moderno... (17).

*

* * *

*Onde a toponímia não se confessa inútil
ao geógrafo* (18).

Nos *Annales de Bourgogne* (1943, tomo IV) — o sr. Paul Lebel, mostra uma vez mais, como o estudo racional dos nomes de pessoas e de lugares “constitui um ramo particular da informação histórica de igual importância da arqueologia ou da numismática”. Ele não o demonstra abstratamente, mas o faz de maneira concreta, tomando por objeto de estudo uma floresta das cercanias de Châtillon, a floresta de Auberive (Alto-Marne).

(16). — Estas linhas estavam escritas quando recebemos o tomo VI — Primeira Parte da magistral *Histoire de la Langue française des origines* à 1900, do sr. Ferdinand Brunot. (Paris, A. Colin, 1930, in 8, XI+520 pp.). Dedicado ao século XVIII, estuda o movimento das idéias e dos vocabulários técnicos da filosofia, da economia política, da agricultura, do comércio, da indústria, da política e das finanças. Isto equivale a dizer que êsse grande livro corresponde quase inteiramente aos nossos anseios. Seria pueril, parecer descobrir em 1930, uma obra da qual, já apareceram 10 volumes, o que demonstra uma segurança sempre crescente ou mais exatamente, que se estendem por um campo cada vez mais amplo, como e que por outro lado já tivemos ocasião de notar.

Que todos aquêles para quem a história das línguas seria ainda, não sei que aborrecido passatempo de gramático compilador, e mais ainda, que todos os historiadores economistas, leiam primeiro o livro dedicado às novas concepções econômicas e especialmente à idéia ou idéias que tem no século XVIII, da ou das riquezas, depois os 5 livros convincentes e ricos de fatos e de documentos que o sr. Brunot dedica à agricultura, a sua língua tradicional, ao enriquecimento que lhe vem de seus primeiros contactos com a ciência, a toda precisão que lhe confere o esforço de análise.

(17). — E' essa também a intenção da *Revista de História*: que êstes problemas passem para a cogitação de nossos estudiosos. (Nota da tradutora).

(18). — Com o mesmo intuito, o de acentuar a importância do estudo das palavras tanto para o historiador como para o geógrafo, escreveu Lucien Febvre em *Mélanges d'Histoire Sociale* (1944, V, p. 70) uma nota que achamos também dever traduzir. (Nota da tradutora).

Em 1135, uma abadia se instalava em pleno coração dessa floresta. Mas o desbravamento nunca atingiu grandes proporções. Hoje as clareiras de cultivo ainda são muito raras e não abrigam aldeias, mas *fermes*; êsse tipo de *habitat* disperso é raro na região de Langres. A que época portanto remonta a luta do agricultor contra a floresta? Interroguem os nomes de lugares.

Inicialmente eis alguns topônimos galo-romanos: Crillé, Quincé, Vitrey, Aprey. Depois, mais numerosos, topônimos germânicos: a aldeia dos germanos, fala por si só; igualmente expressivo se soubermos interrogá-lo é o nome de Val Clavin; Clavin no século XII era Cuvlins e Cuvlins era Chufilinos, diminutivo do substantivo próprio Chufilo, epônimo da localidade alemã Huvelingen. Mas eis igualmente um Moresçanges, que é um substantivo em *ingas* derivado de Morinzingas, por sua vez derivado do substantivo próprio masculino germânico Morinzo, decalcado do latim Maurentiur. E ainda eis outros quatro ou cinco nomes que bem interrogados nos confessam o segredo de suas origens bárbaras. Depois, vem os topônimos romanos, que o sr. Paul Lebel analisa um por um minuciosamente. Resta apenas, depois da análise fazer a síntese, reconstituir as etapas de penetração na floresta. Não acompanharemos o autor nas suas indagações. Basta-nos assinalar o extremo interesse dessas investigações. Com duas condições, uma, que elas se fundamentem em conhecimentos lingüísticos sérios e sólidos — e que o espírito crítico mantenha sempre refreada a imaginação, indispensável e salutar imaginação sem a qual não seria a história possível. Mas a era das improvisações lingüísticas encerrou-se. Deve estar encerrada. A segunda condição é que se estude, não uma floresta, mas um conjunto de florestas. Então o que é apenas curiosidade, tornar-se-á saber histórico verdadeiro: Então, somente então, a toponímia e a antroponímia passarão a ser formas normais e correntes da informação histórica e serão reconhecidas por todos como tais.

LUCIEN FEBVRE

Membro do Instituto de França.